

UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

SÉRIE 4 - N.º 138
ABR./JUN. 2013 TRIMENSÁRIO - **€** 0,20

PROPRIEDADE DA **UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES**

WWW.URAP.PT **geral@urap.pt**

EDITORIAL

QUEBRAR AS AMARRAS

Neste Verão de 2013, trinta e nove anos depois do 25 de Abril de 1974, somos confrontados com dificuldades acrescidas que, dia a dia, se agigantam. Na Europa dita democrática, os direitos dos trabalhadores degradam-se de forma vertiginosa e assustadora. Os sinais que nos chegam de vários países são cada vez mais inquietantes.

Na Hungria, em mais uma vaga da ofensiva anti-democrática e de branqueamento da História, proíbem-se quaisquer referências ao socialismo e mudam-se os nomes das ruas que tenham alguma menção a Karl Marx. Em Chipre, a União Europeia toma a decisão de roubar o povo, saqueando os seus depósitos. Na Grécia, berço da democracia da chamada civilização ocidental, encerraram a televisão pública em menos de duas horas, atirando para o desemprego 2.700 trabalhadores, num país onde o desemprego já ultrapassa os 27%.

Em Portugal a situação não é menos preocupante. Para o Governo de Passos Coelho a lei e a Constituição são letra morta e os tiques de autoritarismo vão surgindo, o corte do subsídio de férias é apenas mais um exemplo. Mas, também no âmbito das liberdades e direitos democráticos, a situação se agrava e o quadro fica mais negro. Tomemos o exemplo da greve dos professores e o consequente cortejo de chantagens, tentativas de manipulação e ilegalidades da parte do governo contra uma classe profissional tão injustiçada e mal tratada. Mais uma vez a luta demonstrou que vale a pena resistir.

Este não é o país que queremos. Esta não é a Europa que queremos. Se tudo o que fizemos até aqui para evitar chegar a este ponto não foi suficiente, então temos de fazer ainda mais. Cada hora de passividade é uma hora de retrocesso. Ficar no sofá faz mal à saúde e ao nosso futuro colectivo.

A noção histórica diz-nos que a História é um rio que está à nossa porta, se dermos um passo em frente caímos nele. Por isso, é preciso criar as condições para mudar de governo, para mudar de política e construir um mundo melhor e mais justo para todos. Um país digno da revolução de 25 de Abril de 1974.

O povo português não é um povo passivo, é, antes, um povo desembaraçado, combativo e generoso. Mais uma vez o demonstrou na Greve Geral de 27 de Junho, mostrando que a luta de massas é ainda mais democrática que o voto, porque é a expressão da consciência esclarecida e determinada de um povo.

Muitas vezes, a dificuldade está em dar o primeiro passo mas, quando se perde o medo, já não há recuos. É sempre o povo que faz avançar o processo histórico.

E, como dizia o poeta, quando um povo acorda é sempre cedo.

Mariana Morais



25 DE ABRIL SEMPRE! - págs. 4 a 5
O 39º aniversário do 25 de Abril foi comemorado em todo o país e a URAP promoveu e participou num vasto conjunto de iniciativas

PARA ONDE VAI ESTA «EUROPA DEMOCRÁTICA»? - pág. 7

FIR SAÚDA LUTA POPULAR - pág. 8

ÓSCAR LOPES E JOÃO HONRADO - pág. 6

MARINHA GRANDE JÁ TEM NÚCLEO DA URAP

O núcleo da URAP da Marinha Grande realizou a sua primeira iniciativa pública, dia 20 de Abril, no Jardim Luís de Camões, no centro histórico da cidade, com a apresentação de um manifesto ao povo intitulado "Abril de novo, com a força do Povo".

O manifesto, subscrito também pela ASURPI, Clube dos Músicos da Marinha Grande, CURPI, MDM, PCP, STAL e STIV e largamente aplaudido pelas cerca de 150 pessoas presentes, realça os valores de Abril e toda a sua importância para um Portugal livre da longa noite fascista e ditatorial, ao mesmo tempo que apela à sua defesa nestes tempos conturbados.

«Há precisamente 39 anos Portugal acordava de uma longa e obscura noite, fascista e ditatorial. O pesadelo de 48 anos de repressão, submissão, miséria social e tirania, deu lugar ao sonho emancipador de democracia plena, igualdade e liberdade. Justiça e autonomia», lê-se no manifesto. Esse sonho «permanece nos anseios das mulheres e homens deste país, deste povo. Mas a política dos sucessivos governos foi mitigando o sonho, a troika nacional (PS, PSD e CDS) foi cortando nos direitos de Abril, que com sangue e lágrimas, o povo justamente conquistou», acrescenta o manifesto, ao mesmo tempo que apela à luta pela manutenção desses direitos.

No jardim, foi montada uma exposição da URAP alusiva ao tema e dirigiu-se aos presentes a coordenadora da URAP, Marília Villaverde Cabral, entre outros. O concerto «Abril de novo, com a força do Povo» e o «Hino de Caxias» completaram a jornada que encerrou com a canção emblemática «Grândola, Vila Morena».



Josué Romão Martins MEMORIAL EM ALVERCA



O rosto sorridente e o nome de Josué Romão Martins formam o memorial de pedra que no dia 27 de Abril foi inaugurado em cerimónia pública pela autarquia local com a presença de familiares do tarrafalista recentemente falecido, de uma delegação da URAP e de outra do Clube de Praças da Armada, além de representantes da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Junta de Freguesia de Alverca e colectividades.

Muito conhecido e respeitado na cidade, não só pelo seu passado heróico que o levou ao Campo de Concentração do Tarrafal, mas também pela sua intensa actividade como activista do movimento associativo e militante do PCP, Josué Romão Martins foi ainda lembrado por, uma vez regressado do degredo, ter montado um pequeno café, o Café Moçambique – precisamente na esquina de Alverca onde agora lhe foi erigido o medalhão branco em alto relevo –, que foi ao longo de vários anos o ponto de encontro e de convívio de muitos democratas.

Todas as intervenções destacaram a actividade política de Josué Romão Martins que em 1936, com apenas 18 anos de idade, foi um dos 152 primeiros deportados políticos para o «Campo da Morte Lenta», no Tarrafal. Josué foi um dos marinheiros sublevados na «revolta do Tejo» em 8 de Setembro de 1936, quando três vasos de guerra «Dão», «Bartolomeu Dias» e «Afonso de Albuquerque» fundearam frente a Lisboa e lançaram um ultimato a Salazar para que cessasse a perseguição aos militares democratas da Armada e libertasse os presos políticos.



VISITA A SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

O núcleo da URAP de Santa Iria de Azóia organizou, dia 11 de Maio, a XIII Visita Guiada, desta vez ao município de Sobral de Monte Agraço, com a participação de 26 sócios e amigos da URAP que percorreram, entre outros, o Centro de Interpretação das Linhas de Torres, o Forte de Alqueidão, o Moinho do Sobral, o Núcleo Museológico do Vinho e a tradicional Festa do Pão.

URAP
Propriedade e edição
da **União de Resistentes Antifascistas Portugueses**
Membro da Federação Internacional de Resistentes

Directora **Ana Pato**
Paginação e Grafismo **Sónia Semião**

Redacção e Administração
Rua Bernardo Lima, 23 - 1º Esq.
1150-075 Lisboa • Telefone 213 576 083

ESTUDO SOBRE PRESOS POLÍTICOS

A URAP e a Câmara Municipal de Peniche apresentaram publicamente, no dia 25 de Abril, um estudo da autoria de Olga Macedo sobre os 2500 presos que durante 40 anos estiveram detidos na Cadeia de Peniche. O trabalho de Olga Macedo, membro da URAP, faz parte do projecto «Memorial da Resistência Antifascista», a ser erguido em Peniche junto à cadeia, a fim de preservar e conservar a memória dos que ali estiveram detidos.

Olga Macedo, que fez uma breve introdução histórica do Forte de Peniche, efectuou a sua investigação no Registo Geral de Presos da PIDE, depositado na Torre do Tombo, onde consultou 30 mil biografias e fez o levantamento de todos os presos que passaram por Peniche.

Estiveram presentes na cerimónia – integrada nas Comemorações do 25 de Abril deste ano – José Pedro Soares, do Conselho Directivo da URAP, e o presidente



da Câmara de Peniche, António José Correia, que presidiu à cerimónia. O autarca frisou a importância do protocolo entre a Câmara de Peniche e a URAP, assinado em 2007, destinado à construção do memorial e que terá inscrito os nomes de todos os presos políticos da cadeia de Peniche.

José Pedro Soares, ele próprio um ex-preso político, apresentou um emocionante testemunho da sua experiência em Peniche e apelou para a defesa dos valores e ideais do 25 de Abril.

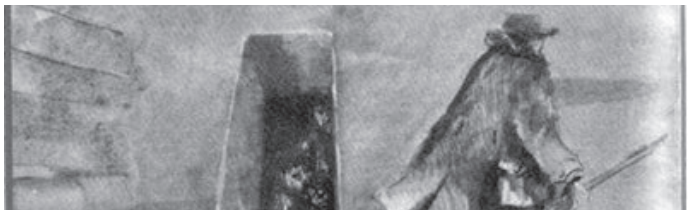
CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ÁLVARO CUNHAL

«Não é fácil falar de Álvaro Cunhal. A sua multifacetada personalidade poder-nos-ia levar a falar de Arte, de História, de Filosofia, de internacionalismo e do sonho milenar do Homem – o fim da exploração", disse Marília Villaverde Cabral em Peniche na sessão de homenagem a Álvaro Cunhal.

Integrada nas comemorações do centenário do seu nascimento, a cerimónia, promovida pela Câmara Municipal dia 13 de Abril no Salão do Forte de Peniche, contou com uma exposição da vida e obra do homenageado.No mesmo âmbito, foi projectado na Capela de Santa Bárbara no Forte de Peniche, o filme «Cinco Dias, Cinco Noites», de José Fonseca e Costa, adaptado do romance do mesmo nome.

Convidada pelo presidente da Câmara, António José Correia – que se encontrava presente, bem como alguns vereadores –, a URAP fez-se representar para além da coordenadora Marília Villaverde Cabral, por Encarnação Raminho, da direcção, e Olga Macedo, a sócia que elaborou a lista dos presos que durante o fascismo cumpriram pena no forte.





Depois de lembrar que Álvaro Cunhal esteve preso três vezes no Forte de Peniche, na última das quais participou na extraordinária fuga de 3 de Janeiro de 1960, Marília Villaverde realçou a importância que o homenageado dava à unidade: «Álvaro Cunhal teve sempre presente a importância da unidade dos democratas: na luta pelo derrube do fascismo, no 25 de Abril, nas conquistas dos direitos dos trabalhadores, posteriormente consignados na Constituição da República e, depois, na sua defesa, com a contra-revolução.»

A coordenadora da URAP acrescentou que já em 1942, por altura da criação da Unidade Nacional, Álvaro Cunhal dizia: «Valorizemos o que nos aproxima em vez de levantarmos o que nos separa». Da mesma maneira, acrescentou Marília Villaverde Cabral, «para nós, democratas resistentes antifascistas, que vemos com grande preocupação a situação em que se encontra o nosso país, consideramos as palavras de Álvaro Cunhal completamente actuais e tudo faremos para contribuir também para a unidade de todos os democratas, conscientes de que esta situação está a destruir o Portugal de Abril por que lutámos».

A cerimónia contou com a presença de muitas dezenas de pessoas, algumas das quais visitavam, na ocasião, o Museu do Forte de Peniche.

25 DE ABRIL SEMPRE!

O 25 de Abril de 1974 significa para todos os portugueses o fim da ditadura e o início da era democrática. Levado a cabo pelos militares, logo se tornou numa revolução de toda a população e teve o expoente máximo na manifestação do 1.º de Maio em Lisboa, onde literalmente «o povo saiu à rua».

O 39.º aniversário do 25 de Abril foi comemorado por todo o país e a URAP fez parte de várias comissões promotoras das Comemorações Populares e realizou iniciativas próprias que tiveram grande êxito.

Destacam-se as grandes manifestações de Lisboa e Porto. Em Lisboa, a manifestação desceu como habitualmente a Avenida da Liberdade, terminando no Rossio, onde os oradores realçaram as expectativas que o 25 de Abril criou no povo e a necessidade de não se defraudar os anseios dos portugueses. Ao mesmo tempo, foram lembrados os retrocessos dos últimos anos, especialmente com este Governo, a que é preciso pôr cobro.

A URAP, que esteve presente com delegações próprias e panos alusivos, junta-se a milhares de pessoas e dezenas de associações, afirmando ser «urgente e indispensável uma política diferente que dê resposta aos graves problemas nacionais».

Porto

A Homenagem aos Resistentes Antifascistas Presos, que integrou as Comemorações Populares do 25 de Abril, no Porto, contou como sempre com a participação do núcleo da URAP, que participou igualmente no desfile popular que se realizou na cidade. Naquela iniciativa, César Príncipe, em nome da URAP, invocou a luta desenvolvida durante os 48 anos do regime fascista e homenageou as mulheres, homens e jovens que nas antigas instalações da PIDE no Porto – como em Caxias, Peniche, Aljube ou Tarrafal – sofreram a prisão, a tortura e por vezes a morte. O orador apelou ainda à participação na luta em defesa das conquistas de Abril.
Esta sessão iniciara-se com a actuação do Coro de Intervenção do Porto (constituído por um grande número de cidadãos antifascistas) que, sob orientação de Ana Maria Teixeira, interpretou o «Hino de Caxias».
Terminou com a colocação de uma coroa de cravos vermelhos na porta da antiga prisão do Porto, onde foi cantada «Grândola, Vila Morena» pelo coro e pelos presentes. Quanto ao desfile, rumou à Praça da Liberdade, encabeçado pela faixa da Comissão das Comemorações, onde se podia ler «Destruir as Troikas - Construir o Futuro, Cumprindo Abril».
As comemorações no Porto constaram ainda de um debate na Escola Secundária Gonçalves Zarco, em Matosinhos, em que participou Avelino Gonçalves; da inauguração de uma exposição na Junta de Freguesia de Valbom, em Gondomar, com a participação de Maria José Ribeiro; e de uma nova visita ao edifício na Rua do Heroísmo onde funcionou a PIDE.



Setúbal

A delegação da URAP de Setúbal comemorou o 25 de Abril promovendo sessões nas escolas, exibições de filmes no Cinema Charlot seguidas de pequenas palestras, debates e duas visitas ao Forte de Peniche. Álvaro Cunhal não foi esquecido, no ano em que se assinala o centenário do seu nascimento, e a delegação de Setúbal da URAP participou na inauguração de uma placa evocativa no «Bosque do Centenário», em Vale do Cobro.
A fim de explicar aos mais novos o que foi o fascismo e o significado do 25 de Abril, houve sessões nas escolas dos Pinheirinhos, Bento de Jesus Caraça, Faralhão, Areias, Fonte do Lavra, Aranguez e Monte Belo. Nestas sessões, muito participadas por professores e alunos, intervieram diversos membros da URAP, como Abílio Fernandes, Américo Leal, Conceição Matos, Domingos Abrantes, Jacinto Artur, Francisco Lobo, Joaquim Costa, Pedro Soares e Ralfo Formiga.
No dia 24 de Abril, a URAP convidou um militar de Abril para uma sessão pública na Junta de Freguesia de Vendas de Azeitão e, na manhã de 25, esteve presente no hastear da bandeira, na cerimónia da Câmara Municipal e na concentração junto ao Monumento dos Resistentes, na qual intervieram a presidente da Câmara Municipal de Setúbal e o ex-preso político e membro da URAP Pedro Soares. Estas iniciativas reuniram cerca de 2000 pessoas.

Reforçar a luta antifascista

Santa Iria de Azóia



«A Liberdade está a passar por aqui» foi o lema escolhido por um grupo de professoras do Agrupamento Escolar de Santa Iria de Azóia para festejar com os seus alunos o 25 de Abril. Esta iniciativa, que decorreu entre 17 e 30 de Abril e envolveu mais de 250 estudantes e docentes, contou com a participação do núcleo da URAP e o apoio da Junta de Freguesia. Os alunos tiveram oportunidade de participar em acções como a elaboração de uma exposição, conversas com militares de Abril, o visionamento de um filme e uma visita guiada ao Forte de Peniche.

A exposição da URAP «Do Fascismo à Liberdade» esteve patente na Biblioteca da escola de Pirescôxe e foi amplamente visitada. Uma outra iniciativa, «O 25 de Abril na Primeira Pessoa», realizada nos dias 23 e 24 de Abril, incluía conversas com os militares de Abril Manuel Duran Clemente e António Mota, para os alunos e professores das escolas Fernando Pessoa, Júlio Diniz e de Pirescôxe. Nas sessões foi exibido um filme realizado por alunos de Sintra.

Outra acção com particular significado foi a visita de 21 alunos da escola de Pirescôxe ao Forte de Peniche, acompanhados pelo resistente antifascista António Gervásio, libertado dessa cadeira a 27 de Abril de 1974. Foram visitadas as celas, o segredo e o parlatório, e António Gervásio falou das diversas fugas tentadas, e muitas concretizadas, que devolviam à liberdade e à luta pela liberdade os resistentes evadidos. O próprio António Gervásio participou na fuga de Caxias, em 1961, no carro blindado de Salazar, com mais sete companheiros.

Esta visita foi seguida por um piquenique na mata de Ferrel e uma deslocação à praia do Baleal.

Almada:

Conferência «A Escola no Tempo do Fascismo e as Conquistas da Revolução», na Escola Secundária Cacilhas-Tejo, com Cátia Lapeiro.

Sessão na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, com a presença de José Casanova e a participação de 80 pessoas, alunos e professores, do 12.º ano; exposição da URAP, que esteve patente durante 15 dias nas escolas secundárias Fernão Mendes Pinto e Anselmo de Andrade; visitas ao forte de Peniche de alunos e professores das escolas secundárias Fernão Mendes Pinto e Anselmo de Andrade e da Escola Básica da Costa da Caparica, acompanhadas por Mário Araújo, António Almeida, José Pedro Soares e António Gervásio. Participaram nas visitas mais de 300 pessoas, na maioria alunos do 6.º, 9.º e 12.º anos.



Lisboa:

Representação da URAP, através de Encarnação Raminho, na cerimónia de apresentação do novo Museu do Aljube, que se passa a designar por «Museu do Aljube: Resistência e Liberdade», no dia 24 de Abril.

A URAP integra, por convite do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o Conselho Consutivo do Museu, juntamente com outras organizações e personalidades, entre as quais o seu antigo coordenador e actual membro do Conselho Nacional Aurélio Santos.

Comemorações populares na Praça Paiva Couceiro.

Peniche:

Exposição em escola com a intervenção de José Pedro Soares; sessão no Forte de Peniche com a associação de pais e professores das escolas locais em que participaram Domingos Abrantes e Conceição Matos

Seixal:

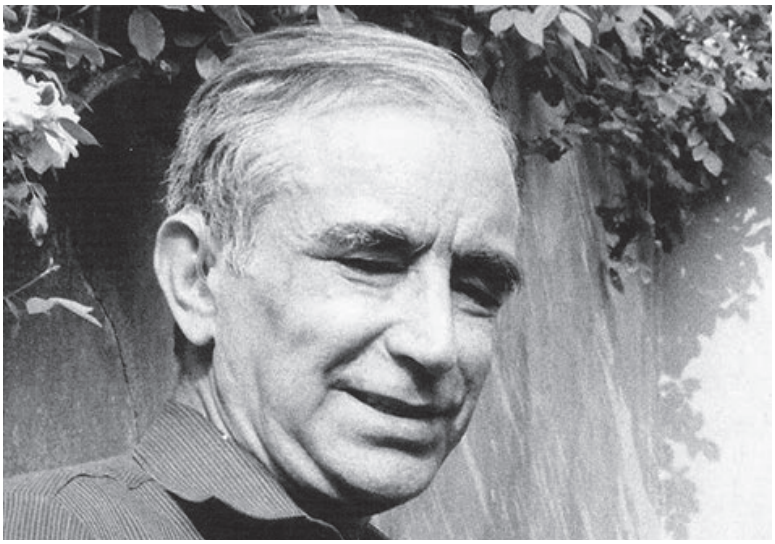
Exposição «Um Cravo de Sonho» na escola Nun' Álvares; sessão na escola José Afonso, promovida pela Associação de Estudantes.

Torres Vedras:

Sessão de esclarecimento na escola básica da Carvoeira.

Vila Franca de Xira:

Sessão em Alhandra com Celestina Leão; arraial em São João dos Montes com Luís Figueiredo.



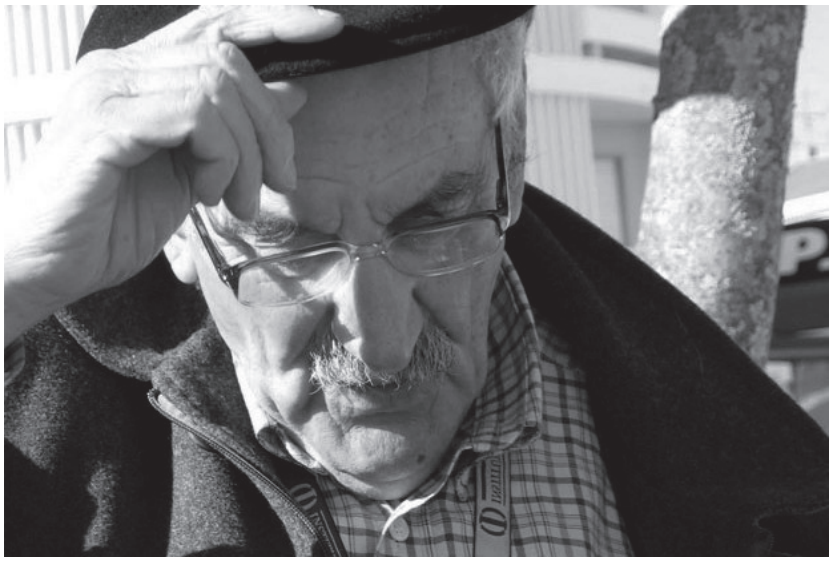
ÓSCAR LOPES

Ensaísta, professor, crítico literário e um dos grandes historiadores das letras portuguesas, Óscar Lopes morreu aos 95 anos no dia 22 de Março, no Porto. Resistente antifascista, preso pela PIDE, expulso e proibido de ensinar na escola pública e mesmo no ensino particular, foi igualmente impedido de leccionar na universidade, onde só entrará após o 25 de Abril, na Faculdade de Letras do Porto.

Participante em dezenas de conferências e palestras e autor de inúmeros artigos em revistas, escreveu duas obras de referência: «História da Literatura Portuguesa», de 1945, em co-autoria com António José Saraiva, e «Gramática Simbólica do Português – Um Esboço», de 1971, a que se juntaram outros trabalhos sobre literatura e combativos textos de intervenção política e pedagogia social.

Nascido em Leça da Palmeira em 1917, Óscar Lopes era filho de uma violoncelista e de um etnomusicólogo, tendo frequentado o Conservatório de Música do Porto. Membro do Partido Comunista Português desde 1944, Óscar Lopes foi, para o poeta Manuel Gusmão, «um intelectual comunista de uma intensa constância na sua vida e na sua obra». Era membro fundador da URAP.

JOÃO HONRADO



João Honrado, um dos mais destacados antifascistas alentejanos, que passou 12 anos nas prisões do fascismo, morreu no dia 21 de Março, em Beja. Tinha 84 anos. Membro do PCP desde 1950, passou à clandestinidade em Dezembro de 1955, tendo dirigido as lutas do sector estudantil de Coimbra, em 1958/1962, e as greves operárias e dos pescadores da região do Porto.

Libertado da cadeia com o 25 de Abril de 1974, João Honrado fora preso pela primeira vez em 1947, quando aderiu ao MUD Juvenil, voltando às cadeias do fascismo – Aljube, Caxias, Peniche e Penitenciária de Lisboa – em 1962 e novamente em 1974. O seu nome integrava sempre as campanhas de solidariedade com os presos políticos e pela amnistia desenvolvidas em Portugal e no estrangeiro.

Foi empregado de escritório, jornalista e publicista e após o 25 de Abril fez parte da Comissão de Extinção da PIDE/DGS e foi deputado à Assembleia Constituinte pelo círculo eleitoral de Beja.

Natural de Ferreira do Alentejo, João Honrado assumiu durante anos a direcção do jornal «Reforma Agrária» e esteve por trás da recuperação do «Diário do Alentejo». Trabalhou, sempre ligado ao sector da informação, nas câmaras municipais de Odemira, Serpa e Mértola e foi fundador da Cooperativa Cultural Alentejana e do jornal «Alentejo Popular».

PARA ONDE VAI ESTA **«EUROPA DEMOCRÁTICA»?**



A Europa dita democrática, a Europa dita social, esfarela-se mais e mais todos os dias trazendo-nos à memória lembranças do sabor ao fel do nazismo. Quando a Alemanha nazi ocupou a Morávia e a Boémia (na antiga Checoslováquia) a Europa do «Ocidente» assobiou para a lado e fingiu não ver. A passividade custou ao mundo uma guerra, com milhões de vítimas. Mas parece que a lição já foi esquecida.

Hoje, quando na Hungria se proíbe quaisquer referências ao socialismo e se mudam os nomes das ruas que tenham referência a Karl Marx ou às instituições das revoluções húngaras, a União Europeia finge nada saber. Até o nome do mártir antifascista Sagvari foi banido neste país enquanto o nome do ditador Horthy foi obviamente poupado. E neste país da União Europeia é pública a existência de campos de trabalho forçado para os desempregados de longa duração.

O que se passou em Chipre com o saque dos depósitos foi a legalização do roubo e a «democrática» UE tomou a «democrática» decisão de roubar os cidadãos de Chipre. A situação foi tão vergonhosa que se desculparam uns com os outros e ninguém teve coragem de se assumir como pai da decisão.

Há alguns dias, o «democrático» governo grego determinou o encerramento da televisão pública e levou a cabo a decisão em menos de duas horas, colocando no desemprego 2700 trabalhadores, num país em que o desemprego já ultrapassa mais de 27%. Nem a ditadura férrea que governou a Grécia se teria arriscado a tanto. Entretanto, na vizinha Turquia, que mantém o seu pedido de adesão à União Europeia, assiste-se todos os dias à brutal repressão desencadeada sobre os que protestam corajosasmente contra as medidas de orientação corânica que o actual governo islamita pretende impôr. Mais uma vez neste caso assistimos ao habitual passa-culpas entre as instituições da UE.

O rol vai-se multiplicando em vários países. E Portugal não foge à regra.

Para o Governo de Passos Coelho a lei e a Constituição são letra morta e os tiques de autoritarismo vão surgindo: o corte do subsídio de férias é apenas mais um exemplo. Se o que fizemos até aqui para evitar tudo isto não chegou, então temos de fazer mais, cada hora de passividade é uma hora de retrocesso, não tenhamos dúvidas. Todos somos responsáveis pelos caminhos em que a Europa se vai envolvendo, por este país que estamos a (des)construir, pelo país que vamos deixar aos vindouros.

Se esta não é «a Europa» que queremos nem o país que queremos, teremos de ser nós a mudá-los.

Aurélio Santos

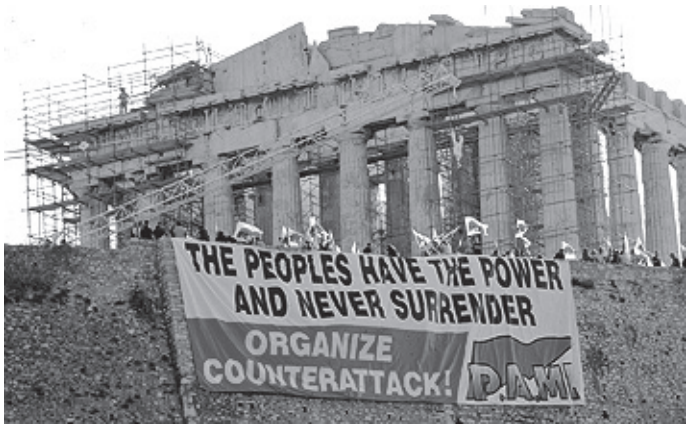


FIR SAÚDA LUTA POPULAR





A Federação Internacional dos Resistentes – Associação Antifascista (FIR) enviou aos membros das federações e aos órgãos de comunicação social um comunicado intitulado «Lutar pelos direitos sociais e os direitos do movimento operário», em que sublinha o facto de actualmente estarem a crescer em vários países, não só da Europa, problemas sociais ligados com o desenvolvimento das políticas de direita.
No texto, saído da reunião da Comissão Executiva de Fevereiro, em Amesterdão, e assinado pelo secretário-geral, Ulrich Schneider, refere-se que a crise capitalista internacional afecta todos os países da Europa, e muito especialmente os do Sul, agravando o desemprego e a pobreza. A FIR garante que a crise resulta da superacumulação de riqueza nas mãos de uns poucos, do facto da classe trabalhadora não poder comprar os produtos que estão a ser produzidos e dos esforços dos capitalistas para manter a todo o custo os seus altos níveis de lucro. Além disso, a crise agrava a concorrência entre forças imperialistas e entre monopólios, devendo a FIR intensificar a resistência contra as consequências desta situação.
Garantindo serem os sindicatos, as organizações de trabalhadores e os movimentos que lutam por direitos sociais as principais forças desta resistência, a Associação Antifascista reafirma que «viver e trabalhar em condições aceitáveis é não apenas o resultado da luta de classes, é um direito humano indispensável consagrado na declaração de 1948 das Nações Unidas».
Saudando os trabalhadores e as acções anti-imperialistas que ocorreram e continuam a ter lugar na Grécia, Turquia, Espanha, Portugal e noutros lugares, «a fim de defender os direitos sociais dos trabalhadores e dos povos, os direitos políticos e conquistas, contra o nacionalismo e o racismo, pelos direitos dos migrantes e contra a guerra», a FIR expressa ainda a sua solidariedade com a luta da classe trabalhadora, a «melhor resposta contra todas as tentativas populistas e neofascistas de direita com o objectivo de usar a crise para mudar a sociedade».



FMJE EM DEZEMBRO NO EQUADOR

A 18ª edição do Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes (FMJE) decorrerá de 6 a 13 de Dezembro de 2013 no Equador, sob o lema «A Juventude unida contra o Imperialismo, por um Mundo de Paz, Solidariedade e Transformação Social». A decisão foi tomada na primeira reunião internacional preparatória do 18º Festival, realizada em Março na África do Sul, país que recebeu a última edição do festival, em 2010, com a presença de cerca de 15 mil jovens oriundos de 126 países.
Entretanto, foi constituído o Comité Nacional Preparatório português, que integra para além da URAP várias organizações políticas, sindicais e culturais.
O CNP está aberto a todas as organizações, associações e grupos informais que tenham ligação à juventude e partilhem dos valores e princípios do Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, procurando abranger os vários âmbitos da realidade da juventude portuguesa e todo o território nacional.
A este comité cabe a tarefa de constituir a delegação portuguesa que participará no Festival.
No âmbito da divulgação do Festival está já marcado um Acampamento pela Paz, a realizar em Avis entre 26 e 28 de Julho.